
Professora negra e o antirracismo na formação de jornalistas¹

Maria Lucia da Silva²

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

Esse artigo traz uma reflexão sobre o papel da professora negra na formação de jornalistas antirracistas. Para isso, analisa um corpus formado por textos publicados na editoria “Espaço Docente” da revista *Dumela*. A metodologia utilizada foi a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), tomando como referência as obras *Manual de Redação* (Alma Preta, 2023), *Pequeno Manual Antirracista* (Ribeiro, 2019), *Manual de boas práticas antirracistas para a comunicação digital* (Rede de Jornalistas Pretos, 2025), entre outras. Como resultado, esperamos revisar a política editorial da revista *Dumela* dentro dos propósitos do jornalismo antirracista, contribuindo assim para orientação dos colaboradores da revista e o debate sobre a prática em sala de aula.

Palavra-chave: professora negra; revista *Dumela*; antirracismo; formação de jornalista.

Ser professora ou jornalista negra no Brasil é ser invisibilizada. É não usufruir do direito de ter ou dar opinião. É não ter lugar na “sala de coordenação” e na “mesa de editores”. Ser mulher negra é compreender que, no campo profissional, é não ter sua subjetividade considerada, mesmo estando qualificada para esse embate. Ao entender essa tática da branquitude, temos que romper o previsto, não renunciar a nossa autonomia e partirmos para uma práxis potente, antirracista, na qual estejamos no controle de nossa trajetória profissional.

Na conclusão da sua tese de doutorado, Silva (2016) identifica que o racismo acadêmico nega nossas diferenças culturais e considera apenas uma doutrina científica, a que sustenta um saber centrado no masculino, branco e europeu. A partir de entrevistas com professores negros sobre suas estratégias para combater a invisibilidade dada pelo racismo acadêmico, por exemplo, duas ideias nos chamam a atenção: criação de núcleos de estudos afro-brasileiros e africanos e ações práticas que tragam divulgação e publicização dessas ações.

Isso possibilitou verificar que o combate à invisibilidade se faz com protagonismo, construindo um olhar crítico sobre os conteúdos e currículos,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista. Doutora em Educação. Professora Cursos de Comunicação Social da UFES. Foi coordenadora do NERA e Editora da Revista *Dumela*, de 2018 a 2025. E-mail: mlucia1459@gmail.com

favorecendo todos os seus professores e alunos negros, com mobilização, resistência e proposição de novas epistemologias antirracistas.

Desse modo, partimos para a práxis, criando, na Instituição no qual eu lecionava, a Centro Universitário FIAMFAAM o Núcleo de Estudos Étnico-Raciais (NERA), com a participação dos professores negros e não negros e alunos que atuavam no curso de Jornalismo. Desde a criação do NERA, em 2016, desenvolvemos mais de trezentos eventos de formação e letramento. Nesse contexto, criamos em 2018³ a revista *Dumela*, publicação que nos ajuda a divulgar para a comunidade acadêmica e público externo e para fazer memória das atividades do Núcleo.

Diante desse cenário, o objetivo da pesquisa é analisar as oito edições da revista, por meio dos textos publicados na editoria Espaço Docente, para ampliar o conhecimento acerca do conceito de jornalismo antirracista, tomando como referência o *Manual de Redação da Alma Preta*, editado pela Agência Alma Preta (2023), o *Manual de boas práticas antirracistas para a comunicação digital*, editado pela ONG Rede de Jornalistas Pretos (2025), e também o *Pequeno Manual Antirracista*, da jornalista Djamila Ribeiro (2019). Para alcançar o objetivo geral, vamos debater o papel do(a) professor (a) negra na formação de jornalistas antirracistas, tendo como base os livros *Formação de Jornalista: elementos para uma pedagogia de ensino de interesse público*, do jornalista Enio Moraes Junior (2013), *Como ser um educador antirracista*, da professora Barbara Carine (2023), e *Comunicação Antirracista*, da jornalista Mídia Noelle (2025).

Esta pesquisa se justifica pela importância de divulgarmos produtos da imprensa negra brasileira para nossos alunos, como propõe a Lei nº 10.639/2003. E, a partir de leituras iniciais das referências bibliográficas que escolhemos, encontramos voz uníssona do(a)s autore(a)s negro(a)s sobre a importância da imprensa negra, uma vez que é um dos instrumentos mais importantes de letramento racial e antirracismo. No *Manual de Redação da Alma Preta* (Agência Alma Preta, 2023), seus autores expressam ainda que a imprensa negra brasileira é longa e tradicional.

A metodologia será construída inicialmente pela abordagem teórico-metodológica da pesquisa bibliográfica e, para a leitura e reflexão dos textos da editoria Espaço

³ Contribuíram com o projeto as docentes do curso de jornalismo Carla de Oliveira Tôzo, Edilaine Heliodoro Félix, Maria Lucia da Silva e de Design Euclides Santos, além de alunos de Jornalismo, Publicidade e Designer. Em maio de 2025, comemoramos 9 anos de atividades ininterruptas do Núcleo e a sétima edição impressa e digital da revista *Dumela*.

Docente da revista *Dumela*, vamos utilizar a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), que corresponde a um conjunto de técnicas, por meio das quais se analisa um grupo de dados, por se tratar de uma forma muito eficaz de se compreender os conteúdos nem sempre manifestados de um discurso.

São os professores negros, de militância antirracista, que identificam com precisão os conteúdos racistas nas produções de novos saberes. Favorecem o desenvolvimento de redes solidárias, tão recorrentes na cosmovisão africana, para ajudar os alunos a concluírem seus cursos e prosseguir nas atividades acadêmicas e atuarem como educadores(as) antirracistas. Quando esses profissionais assumem seu protagonismo/pertencimento ao espaço acadêmico, eles recriam seu fazer educativo. É o ato de conscientização “[...] que prepara homens, no plano de ação para a luta contra os obstáculos à sua humanização” (Freire, 2008, p. 132), tecendo saberes para que produzam processos educativos mais diversos, igualitários e solidários.

Referências

AGÊNCIA ALMA PRETA. **Manual de Redação da Alma Preta**: O jornalismo antirracista a partir da experiência da Alma Preta. São Paulo: Ibirapitanga, 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista**. 9. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

MORAES JUNIOR, Enio. **Formação de Jornalistas**: Elementos para uma pedagogia de ensino de interesse público. São Paulo: Anablume, 2013.

NOELLE, Midiã. **Comunicação Antirracista**: Um guia para se comunicar com todas as pessoas, em todos os lugares. São Paulo: Planeta do Brasil, 2025.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Cia da Letras, 2019.

SILVA, Maria Lucia da. **Memória dos professores negros e negras da Unilab**: tecendo saberes e práxis antirracista. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2016.